

Páginas de rosto: autorretratos de Paulo José Miranda

Teresa Jorge Ferreira

CECC – Universidade Católica Portuguesa

Resumo: O autorretrato tem uma tradição notória na poesia portuguesa, que se torna mais visível a partir do século XX, quando o prefixo “auto-” e o vocábulo “auto-retrato” (com grafia atual “autorretrato”) começam a ser usados em títulos de poemas. A obra *Auto-retratos* de Paulo José Miranda (2016) explora inúmeros lugares-comuns autorretratísticos, entre os quais a própria utilização da palavra nos títulos e o recurso a uma imagem de ruína, impelindo a uma leitura que relacione o objeto livro e os poemas nele publicados, por se apresentar sem a capa e a habitual folha de rosto. Se um dos traços apontados para os autorretratos é o índice *eu, aqui, agora*, numa autorreferência ao autor e à obra, os poemas de Paulo José Miranda responsabilizam o leitor pelo destino do poema, alargando a fórmula para *nós, aqui, agora*. A apresentação do poema como rosto, nas *páginas de rosto* de *Auto-retratos*, é nesta obra uma indagação sobre o que é ser humano.

Palavras-chave: poesia, autorretrato (autorretrato), livro, lugar-comum, Paulo José Miranda.

Résumé : L’autoportrait a une tradition remarquable dans la poésie portugaise, qui devient plus visible à partir du XX^e siècle, lorsque le préfixe « auto- » et le mot « autoportrait » (« auto-retrato », avec l’orthographe actuelle « autorretrato »), commencent à être utilisés dans les titres de poèmes. L’œuvre *Auto-retratos* de Paulo José Miranda (2016) explore de nombreux lieux communs poétiques de l’autoportrait, parmi lesquels l’utilisation du mot dans les titres et la construction d’une image de ruine, suscitant une lecture qui associe l’objet du livre et les poèmes qui y sont publiés, faute de présenter les habituelles couverture et page de titre (*folha de rosto*). Si l’un des traits signalés pour les autoportraits est l’index *je, ici, maintenant*, dans une autoréférence à l’auteur

et à l'œuvre, les poèmes de Paulo José Miranda rendent le lecteur corresponsable du destin du poème, et en faisant cela ils élargissent la formule pour *nous, ici, maintenant*. La présentation du poème comme *visage (rosto)*, dans les *pages*

de visage / pages de titre (páginas de rosto) de l'autoportrait, est dans cette œuvre une quête sur ce qu'est être humain.

Mots-clés : poésie, autoportrait, livre, lieu commun, Paulo José Miranda.

Assim termina “Auto-retrato 1”, o primeiro poema do livro *Auto-retratos*, de Paulo José Miranda, publicado em abril de 2016, em Lisboa, pela editora Abysmo:

[...]
haverá ainda
haverá pouco
quem encontre nos escombros de um livro
o seu rosto nas mãos de outro¹

Este final marca o início do presente artigo, pois a partir dos versos citados se orienta a aproximação a esta obra singular, aproveitando a imagem dos “escombros de um livro” para pensar sobre a ligação entre o objeto editado e os poemas nele incluídos, e considerando os autorretratos publicados pelo poeta como “o seu rosto nas mãos de outro”, no acontecimento persistente e raro que é o poema.

Pretende-se com esta leitura participar na ampla discussão em torno do autorretrato enquanto género. Ainda que se reconheça a pertinência de explorar a transversalidade da categoria a várias artes, o objetivo aqui é considerar o autorretrato no âmbito da poesia. Ora, neste contexto, o autorretrato tem uma tradição notória, desde logo por via da écfrase ou da descrição, com uma antiga história retórica, mas também pela manifesta criação ou atualização de lugares-comuns autorretratísticos. Sublinhe-se que género é aqui entendido como uma categoria aberta na qual os textos *participam*, em vez de *pertencerem*, como propõe Derrida em “La loi du genre”: “Tout texte *participe* d'un ou de plusieurs genres, il n'y a pas de texte sans genre, il y a toujours du genre et des genres mais cette participation n'est jamais une appartenance²”.

Neste sentido, e dando continuidade a uma investigação anterior³, considera-se que os autorretratos poéticos problematizam a própria escrita de poesia, como *poemas-problemas* da autoria. Em *Miroirs d'encre : rhétorique de l'autoportrait*, Michel Beaujour não se debruça sobre obras poéticas, mas afirma que a pergunta *quem sou eu?*, “Qui suis-je ?⁴”, constitui a interrogação evidente de qualquer autorretrato literário, admitindo respostas *radicais* como: “je suis style, écriture, texte⁵”. Se parece discutível assertar que um poema (ou qualquer obra de arte) tenta responder

1. MIRANDA, Paulo José, *Auto-retratos*, Lisboa, Abysmo, 2016, p. 1. Assinale-se que o título da obra e os títulos dos poemas aparecem grafados em minúsculas ao longo do livro (o mesmo acontece com o nome da editora).

2. DERRIDA, Jacques, *Parages*, Paris, Galilée, 1986, p. 264.

3. FERREIRA, Teresa Jorge, *Autorretratos na Poesia Portuguesa do Século XX* [tese de doutoramento], Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2019. O presente artigo recupere algumas linhas dessa tese.

4. BEAUJOUR, Michel, *Miroirs d'encre : rhétorique de l'autoportrait*, Paris, Seuil, 1980, p. 341.

5. *Ibid.*, p. 344.

a uma pergunta (qualquer que ela seja), parece, contudo, produtivo não só considerar que o autorretrato pode ele próprio enunciar expressamente essa interrogação e criar uma multiplicidade de formulações sobre o eu, mas também admitir a proposta de Beaujour, não tão radical assim, de que cada formulação autorretratística significa uma afirmação de *estilo, escrita, texto* do seu autor. Neste sentido, os autorretratos solicitam uma certa *maneira de ler*, em que o sujeito ou o objeto da enunciação corresponde ao próprio autor, e exploram para tal determinados lugares-comuns (ou incomuns) autorretratísticos.

Entre estes lugares-comuns, destaca-se a utilização da palavra “autorretrato”, nomeadamente no título, como nova unidade semântico-formal na poesia portuguesa a partir do século xx. Lembrem-se como exemplo os poemas com o título “Auto-retrato” (com grafia atual, “Autorretrato”) de Miguel Torga⁶, Natália Correia⁷, Alexandre O’Neill⁸, Ana Hatherly⁹, Rui Knopfli¹⁰ ou Ruy Belo¹¹.

Outros lugares-comuns autorretratísticos têm sido assinalados pelos estudos críticos, como a inclusão do nome do autor nos poemas, a identificação com Narciso, a utilização da metáfora especular, a construção poética em torno do dia de nascimento ou a composição do epitáfio autoral¹². A imagem da ruína é também um tópico que tem contribuído para pensar sobre a própria condição do autorretrato contemporâneo, como mostra bem o trabalho de Eunice Ribeiro, “O autorretrato em literatura: Ilustração e ruína¹³”.

Ora, muitos destes tópicos são trabalhados pelo livro recente de Paulo José Miranda, num reconhecimento da tradição poética (“descobrir que no seio materno já havia uma gramática¹⁴”), confirmando o interesse em continuar a pensar sobre o autorretrato enquanto género. Observa-se em *Auto-retratos* uma insistente autorreferência ao livro, ao poema e ao eu autoral¹⁵, mas não são evidentes as citações ou alusões a obras de outros autores, ao contrário do que acontece noutros livros do mesmo poeta, como *A Arma do Rosto*¹⁶, ou noutros autorretratos da poesia portuguesa, como os textos já mencionados de Alexandre O’Neill ou de Ana Hatherly.

Auto-retratos é um livro com setenta e cinco poemas numerados com o título “Auto-retrato”, que tem a particularidade de não ter capa nem a convencional folha de rosto. O livro começa na página 1 com “Auto-retrato 1”, tendo em pé de página o nome do autor e o título do livro, também apresentados na ficha editorial que encerra a obra, e seguem-se os outros poemas

6. TORGA, Miguel, *Poesia Completa*, Lisboa, Dom Quixote, 2000, p. 497.

7. CORREIA, Natália, *Poesia Completa*, 2.ª edição, Lisboa, Dom Quixote, 2000, p. 72.

8. O’NEILL, Alexandre, *Poesias Completas & Dispersos*, edição de Maria Antónia Oliveira, Lisboa, Assírio & Alvim, 2017, p. 171.

9. HATHERLY, Ana, *A Idade da Escrita*, Lisboa, Tema, 1998, p. 26.

10. KNOPFLI, Rui, *Obra Poética*, Lisboa, INCM, 2003, p. 259.

11. BELO, Ruy, *Todos os Poemas*, 4.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 866.

12. Cf. FERREIRA, Teresa Jorge, *Autorretratos...*, *op. cit.*

13. RIBEIRO, Eunice, “O autorretrato em literatura: Ilustração e ruína”, *Limite*, n.º 9, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2015, p. 321-335. 31 de outubro de 2020. www.revistalimite.es.

14. MIRANDA, Paulo José, *Auto-retratos*, *op. cit.*, p. 63.

15. Com efeito, a obra de Paulo José Miranda assume a indagação metapoética inerente ao exercício autorretratístico, nomeando a palavra, a escrita, o poema, o livro, a poesia, a linguagem: “escombros de um livro”, “caí no poema”, “mas agora o poema adiamento do ir à vida”, “uma palavra que não diz nada”, “a palavra escrita”, “o que escrevo”, “todas as palavras”, “uma palavra na mão”, “ainda que continuemos a escrever”, “e há cada vez menos palavras”, “qualquer poesia”, “todo o poema é [...]”, “a linguagem lança-se no precipício”. *Ibid.*, p. 1, 3, 7, 8, 28, 29, 33, 38, 43, 44, 45, 58, 78.

16. MIRANDA, Paulo José, *A Arma do Rosto*, Lisboa, Cotovia, 1998.

com o título “Auto-retrato” seguido do número respetivo. Ao traçar o uso, na poesia portuguesa, do prefixo “auto-” em títulos de poemas, partindo do marco “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa¹⁷, e passando por “Autografia I” e “Autografia II”, de Mário Cesariny¹⁸, “Autocrítica”, de Alexandre O’Neill¹⁹, “Autobiografia sumária de Adília Lopes”, de Adília Lopes²⁰, e pelos inúmeros títulos com o vocábulo “Auto-retrato”, que admitem variações como “Auto-retrato com revólver”, de Al Berto²¹, ou “Auto-retrato com a musa”, de Vasco Graça Moura²², nota-se bem como o livro de Paulo José Miranda aproveita de modo extremo e inédito este recurso. Com efeito, a obra não só inclui o vocábulo no título do livro, à semelhança de *Jogo de Espelhos: Reflexos para um auto-retrato*, de David Mourão-Ferreira²³, ou de *Auto-retrato*, de José Agostinho Baptista²⁴, mas também em todos os poemas. Numa afirmação de que o título já não é novidade, a originalidade desta obra é repetir o seu uso até ao limite e atribuir-lhe uma numeração que vai questionar o lugar de destaque que um poema pode assumir no conjunto da obra.

Ainda que o nome do autor não surja em nenhum dos poemas de *Auto-retratos*, aparece centrado em maiúsculas em cada uma das páginas. Ora, em *Seuils*, Gérard Genette indica que a página de título e a capa são os lugares habituais para a inscrição do nome de autor: “sa place canonique et officielle [do nome de autor] se réduit à la page de titre et à la couverture²⁵”. Esses lugares não existem no livro de Paulo José Miranda. Não obstante, a apresentação do nome em todas as páginas pode ser atribuída a um hábito editorial, não só verificável em livros de poesia, que neste caso compensa a falta da capa e da folha de título. Ligando-se a este aspeto, a repetição do nome pode também ser lida como uma assinatura que nunca deixa o poema longe do nome do seu autor, servindo o prefixo “auto-” dos títulos, que integram o poema, para estabelecer uma relação implícita com o nome do autor, independentemente da pessoa gramatical usada nos versos. Jacques Derrida discute em *Signéponge* a questão da assinatura, propondo três modalidades que o poeta francês Francis Ponge consegue conjugar em “Le pré”: a assinatura em sentido próprio, como autenticação, a assinatura em sentido metafórico, como estilo do escritor, e, finalmente, a assinatura da assinatura, como assinatura da própria escrita: “je me réfère à moi-même, ceci est de l’écriture, je suis écriture²⁶”. Ora, no caso de Paulo José Miranda, a posição do nome do autor nas páginas, ao aproveitar o efeito de assinatura, acentua também a importância do livro, da obra, e não de um autorretrato particular.

Além disso, também o título da obra surge em todas as páginas, contribuindo para uma ideia de conjunto, no qual os poemas terão de ser integrados. Ou seja, “Auto-retrato 1” é *um* autorretrato, não *o* autorretrato. Não se trata, portanto, de um poema que sobressai em relação

17. PESSOA, Fernando, *Poesia. 1931-1935 e não datada*, edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 45-46.

18. CESARINY, Mário, *Pena Capital*, 3.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 36-38, 39-41.

19. O’NEILL, Alexandre, *Poesias...*, *op. cit.*, p. 171.

20. LOPES, Adília, *Dobra*, 2.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 71. Adília Lopes publica também o poema “Self-portrait”. *Ibid.*, p. 516.

21. AL BERTO, *O Medo. Trabalho poético 1974-1997*, 5.ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2017, p. 170.

22. MOURA, Vasco Graça, *Poesia Reunida*, volume 2, Lisboa, Quetzal, 2012, p. 349-351.

23. MOURÃO-FERREIRA, David, *Jogo de Espelhos: Reflexos para um auto-retrato*, Lisboa, Presença, 1993.

24. BAPTISTA, José Agostinho, *Biografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 281-349.

25. GENETTE, Gérard, *Seuils*, Paris, Seuil, 1987, p. 39.

26. DERRIDA, Jacques, *Signéponge/Signsponge*, edição bilingue (francês e inglês), tradução de Richard Rand, Nova Iorque, Columbia University Press, 1984, p. 53-55.

aos outros, como era “Auto-retrato”, de Alexandre O’Neill, na sua primeira edição, por exemplo²⁷. Não se trata também de um texto *em substituição* de um autorretrato visual no início da obra, como “AUTO-RE / TRATO”, de António Pedro²⁸, que surge onde era expectável (e comum) aparecer um retrato visual do autor (recorde-se o “retrato do autor por elle-proprio” de Almada Negreiros, que abre *A Invenção do Dia Claro*²⁹). “Auto-retrato 1” abre caminho para os autorretratos que se seguem, numa manifestação de série ou de sequência, e deste modo de livro ou de obra. Assim, apesar de haver uma *página de rosto* com o primeiro poema, a ocupar a primeira página, as páginas que se seguem serão também *páginas de rosto*.

A numeração dos textos recorda a de alguns livros antigos, nos quais os poemas vinham agrupados por formas ou géneros, “Elegias”, “Sonetos”, como o célebre autorretrato de Bocage³⁰. Aqui, são todos “Auto-retratos”, como que sugerindo que este é precisamente um género e que talvez este livro pudesse ser cosido a um outro, com poemas agrupados por outra categoria³¹. Lembre-se que Paulo José Miranda publica *Exercícios de Humano*³², recorrendo a um arranjo similar, já que os poemas vão de “Exercício 1” a “Exercício 101”. Na verdade, é possível estabelecer uma ideia de continuidade entre as duas publicações, quer em relação à disposição dos poemas quer quanto aos temas trabalhados, entre os quais sobressai precisamente a indagação sobre o que é ser humano. O facto de os dois livros serem editados pela mesma editora, com uma coerência material e gráfica, permite juntá-los como se fossem *fascículos* de uma mesma obra poética.

Ora, em relação à publicação de 2016, a própria materialidade do objeto contribui para pensar sobre o género do autorretrato. O livro despe-se da habitual capa, para abrir (sem ser de facto aberto) com o rosto que é já um poema. A frase anterior mostra como certa terminologia associada ao corpo humano e ao vestuário é, por catacrese, comum ao livro, “rosto” e “capa”. Esta terminologia comum interfere no modo de ler o poema ao pegar no livro: este dispensa a capa e mostra imediatamente o rosto, a página onde se podem grafar poemas potencialmente infinitos.

A fragilidade material ou imaterial da obra poética, sinal possível do seu carácter inacabado, é denunciada pela própria experiência de leitura deste livro e confere ao leitor uma corresponsabilidade pelo destino da obra: o poema-“rosto” do autor está “nas mãos de outro”, literal e metaforicamente. Mas esse apelo ao leitor declara-se inerente à poesia, já que “o poema é a necessidade de sermos / nos olhos de outro³³”. Não obstante, as posições de autor e leitor podem ser confundidas no poema: “somos ilhas uns dos outros / [...] / eu até juro e nisso apostaria o

27. Na primeira edição, “Auto-retrato” aparece como título de uma das secções do livro, numa folha de cortina que antecede o poema. *Poemas com Endereço* apresenta sete secções, nas quais são integrados poemas titulados. O soneto que aqui se assinala destaca-se no conjunto do livro, pois a secção “Auto-retrato” é a primeira e tem apenas esse soneto, que não apresenta título na página em que está impresso. O’NEILL, Alexandre, *Poemas com Endereço*, Lisboa, Morais, 1962.

28. PEDRO, António, *Casa de Campo. Poema*, Lisboa, edição do autor, 1938, s.p.

29. NEGREIROS, José de Almada, *A Invenção do Dia Claro*, edição fac-similada, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

30. Nas primeiras edições, o poema aparece apenas precedido da indicação “Soneto”, como todos os que apresentam esta forma. BOCAGE, *Poesias, Dedicadas à Ill.ma e Ex.ma Senhora Condessa de Oyenhausen*, Tomo III, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

31. Em *Auto-retratos*, as folhas de impressão estão cosidas, como se nota bem por baixo da cola aplicada na lombada.

32. MIRANDA, Paulo José, *Exercícios de Humano*, 2.ª edição, Lisboa, Abysmo, 2015.

33. *Ibid.*, p. 106.

mundo / que nenhum de nós sabe quem é um e quem é outro³⁴". Neste sentido, os autorretratos poéticos admitem leituras entre a pessoalidade e a impessoalidade, entre a ligação à pessoa do autor e a apropriação por cada leitor. Os poemas "Retrato do autor por Camilo Pessanha (colagem)", de Carlos de Oliveira³⁵, e "Auto-retrato com versos de Camões", de Pedro Mexia³⁶, são exemplos em que a própria construção autorretratística resulta da apropriação de versos de outros autores, denunciando a ambiguidade poética inerente ao autorretrato.

Ora, o "rosto" nomeado em "Auto-retrato 1" de Paulo José Miranda não é descrito seguindo a antiga tradição retratística. Aliás, nem o rosto nem o corpo são neste livro objeto de descrição detalhada, ainda que sejam diversas vezes evocados³⁷. No entanto, as palavras associadas ao corpo compõem uma carga emocional e sensitiva: o corpo é orgânico e fisiológico, com vísceras e sangue, odores e sensações. Ou seja, não é um corpo pós-humano, que colabora ou compete com a tecnologia, mas um corpo humano, que se suja e que se deteriora até à morte: "que o corpo se lave³⁸".

Tal como o livro se apresenta frágil, sem a proteção da capa, também o corpo se denuncia como passível de sofrimento. Mas o sofrimento é criador, é "a dor pão nosso / nosso fermento³⁹", "a dor [que dá] à luz o canto⁴⁰", a dor central da poesia, metonímia de emoção. Com efeito, ao longo do livro, há momentos em que os enunciados sobre a experiência da escrita e da leitura do poema recorrem à imagem do corpo, com laivos de sofrimento e violência, em que corpo e poema são intrincados até não se distinguirem:

cai no poema
com olhos abertos
[...]
cai no poema
fere os joelhos nas sílabas
sente esta tua vida inchar de pus
levanta-te⁴¹

Em "Auto-retrato 5", o poema volta a jogar com a ideia do retrato na "página", diferenciando as artes da "imagem" e da "palavra". Não só se rejeita a expressão antiga de que *uma imagem vale mais do que mil palavras*, como se inverte o seu juízo valorativo, sublinhando antes a falta da palavra na imagem:

não estávamos agora aqui
dependurados numa página
se uma imagem valesse palavras
[...]

34. *Ibid.*, p. 117.

35. OLIVEIRA, Carlos de, *Trabalho Poético*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, p. 139.

36. MEXIA, Pedro, *Poemas Escolhidos*, Lisboa, Tinta-da-china, 2018, p. 149.

37. MIRANDA, Paulo José, *Auto-retratos*, *op. cit.*, p. 1, 22, 30, 31, 33, 35, 43, 44, por exemplo.

38. *Ibid.*, p. 22.

39. *Ibid.*, p. 62.

40. *Ibid.*, p. 49.

41. *Ibid.*, p. 3.

a imagem será sempre e somente uma palavra por dizer⁴²

Esta posição, que parece aqui tomar a imagem no seu sentido estrito de objeto visual ou plástico, contribui para libertar o retrato, na poética de Paulo José Miranda, de qualquer imperativo descritivo tradicional, funcionando como um elogio da palavra e da sua autonomia em relação às outras artes.

Ainda que o vocábulo português “autorretrato” tenha uma aceção textual que dispensa o sentido metafórico associado às artes plásticas, ao contrário do que sugere Michel Beaujour em relação ao termo francês equivalente⁴³, o texto de Paulo José Miranda atesta que o autorretrato não tem de estar *pendurado* numa parede em exposição, pode estar *dependurado* numa página publicada. Assim, apesar de manifestar talvez um incômodo com uma possível aceção dominante relativa às artes plásticas, *Auto-retratos* promove o valor tangível do objeto livro na leitura do poema.

No verso citado acima, “não estávamos agora aqui”, as duas palavras finais são as mesmas que compõem um traço apontado para a lírica, *eu, aqui, agora*⁴⁴, que foi também já assinalado como a marca do autorretrato. Com efeito, Omar Calabrese, em *L’arte dell’autoritratto. Storia e teoria di un genere pittorico*, afirma que o autorretrato pictórico tem especificidades que justificam a sua autonomia enquanto género, convocando a categoria gramatical “io-qui-ora” para destacar a reflexividade da enunciação autorretratística, que se relaciona com o reflexo especular⁴⁵. Acontece que no verso de Paulo José Miranda o pronome implícito não é “eu”, mas “nós”, o que pode ser entendido como uma nova invocação do leitor, que o traz para o poema e que lhe atribui um papel fundamental na existência do autorretrato poético, propondo uma mudança do índice para *nós, aqui, agora*.

É neste mesmo “Auto-retrato 5” que Paulo José Miranda visita um dos lugares mais comuns da tradição autorretratística, o do espelho, metonimicamente o de Narciso: “o espelho / primeira imagem de alguém debruçado sobre um rio / última visão que se terá do sobressalto de não entender nada”. A possível alusão ao mito de Narciso, “primeira imagem de alguém”, é acompanhada pela ideia mortal da “última visão”, mostrando mais uma vez o par vida-morte indissociável do autorretrato.

Com efeito, em *Auto-retratos*, mencionam-se as várias fases da vida, da “história da [...] vida⁴⁶”, desde o nascimento (“a minha pequena cabeça / a sair de minha mãe / a fazer tudo para encontrar um céu⁴⁷”) à morte (“futuras letras na pedra tumular da minha campa⁴⁸”), passando pela infância (“mesmo que [...] eu ainda não desejasse nada / que não fosse ir para a rua fazer de conta que era grande⁴⁹”), pela adolescência (“era o antigo império da adolescência / e a vida vinha⁵⁰”) e pela

42. *Ibid.*, p. 5.

43. BEAUJOUR, Michel, *Miroirs...*, *op. cit.*, p. 7.

44. ACHCAR, Francisco, *Lírica e Lugar-comum: Alguns temas de Horácio e sua presença em português*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p. 59.

45. CALABRESE, Omar, *L’arte dell’autoritratto. Storia e teoria di un genere pittorico*, Florença, La Casa Usher, 2010, p. 27.

46. MIRANDA, Paulo José, *Auto-retratos*, *op. cit.*, p. 40.

47. *Ibid.*, p. 8.

48. *Ibid.*, p. 9.

49. *Ibid.*, p. 14.

50. *Ibid.*, p. 77.

velhice (“a velhice” que traz uma “suspeita de morte⁵¹”). Os poemas revelam-se como evocação de memórias, anotação de emoções, registo de acontecimentos. Não dependendo da veracidade factual relativa à vida do autor, os textos podem incluir elementos biográficos, assumindo-se como uma marca ou um vestígio de uma vida pessoal determinada, e contribuir, desse modo, para a afirmação pública de um estilo autoral.

A enorme importância dada no livro à passagem do tempo (“e o tempo todo passou como se não tivesse passado⁵²”, “e contas feitas / um dia a vida passou⁵³”, “tudo isto é a matéria por onde o tempo passa⁵⁴”) e à duração da existência (“a vida não dura nada⁵⁵”, “depois temos o resto da vida / e não chega⁵⁶”), sugerem uma possível definição da vida como o “sobressalto de não entender nada”, usando a expressão de “Auto-retrato 5”.

Na verdade, vários versos compõem expressões aforísticas sobre a vida e a morte, que ampliam o discurso do autor para uma conversa com o leitor sobre a própria condição humana, como “nesta vida / morre-se⁵⁷” ou:

um dia dás por ti e estás vivo
 [...]
 e depois muito tarde
 embora talvez cedo de mais para ti
 morres⁵⁸

Neste sentido, os poemas de Paulo José Miranda são autorretratos *de autor* e autorretratos *de humano*, aproveitando a expressão do título já mencionado, em que além de um “eu” que enuncia, existe um “tu” que marca a conversa e um “nós” que assinala o que temos em comum, “porque nós somos todos muito mais iguais / do que algum dia imaginámos ser diferentes”, como se lê em “Exercício 97⁵⁹”. Deste modo, o *nós, aqui, agora* dos autorretratos deste poeta é o “humano aqui e agora”, na formulação de “Exercício 87”.

A indagação poética sobre o que é ser humano define o autorretrato de Paulo José Miranda. Na sua obra, “esta vida humana⁶⁰” é precisamente a “busca de um sentido⁶¹” perante a morte, na qual se questiona o papel da felicidade e do amor, ao mesmo tempo que se denuncia a inevitável solidão⁶².

O humano não é contraposto ao animal ou à máquina, mas a “deus”, ao “deus [que] desenhou o humano⁶³” pela sua ausência. Neste sentido, o poeta fixa: “sou [...] // uma dor à imagem

51. *Ibid.*, p. 24.

52. *Ibid.*, p. 9.

53. *Ibid.*, p. 52.

54. *Ibid.*, p. 38.

55. *Ibid.*, p. 76.

56. *Ibid.*, p. 63.

57. *Ibid.*, p. 67.

58. *Ibid.*, p. 17.

59. *Id.*, *Exercícios...*, *op. cit.*, p. 112.

60. *Id.*, *Auto-retratos*, *op. cit.*, p. 7.

61. *Ibid.*, p. 59.

62. Apesar das “noites e noites de amores de plástico / escavando por dentro do outro em busca de um sentido”, “somos só fome e a cicatriz do umbigo”. *Ibid.*

63. *Ibid.*, p. 23.

do inexistente deus⁶⁴. Da insistência numa vida vivida sem aptidão e numa morte ao mesmo tempo natural e inexorável⁶⁵, sobressai a ideia de fraqueza, de fracasso, de escombros:

há uma cidade uma vila uma aldeia
com aquele prédio que nunca chegou a ser acabado
[...]
será assim para sempre
até que num belo dia de sol ou chuva caia sem sequer ter sido⁶⁶

Ora, “aquele prédio que nunca chegou a ser acabado” pode bem ser o livro sem capa, talvez inacabado, com poemas cuja numeração é potencialmente infinita. A ideia do escombros, da ruína, é um tópico autorretratístico aqui trabalhado material e poeticamente pelos “escombros de um livro” anunciados na primeira página e por todas as apresentações de um corpo como *resto mortal*.

O livro *Auto-retratos* não inaugura um género, mas confirma-o inequivocamente, atualizando inúmeros lugares-comuns do autorretrato na poesia. O poema é tomado como o rosto de *alguém*, abrindo a leitura das *páginas de rosto* de *Auto-retratos*:

[...]
haverá ainda
haverá pouco
quem encontre nos escombros de um livro
o seu rosto nas mãos de outro⁶⁷

É ao procurar o rosto humano que Paulo José Miranda constrói a sua voz autoral, reconhecível precisamente por esta indagação que apela ao leitor e que promove o sofrimento a experiência criadora. Nestes versos cabem autor, livro, leitura, leitor e esse rosto poético, ou poema, que circula publicamente entre *nós, humanos*.

Bibliografia

- ACHCAR, Francisco, *Lírica e Lugar-comum: Alguns temas de Horácio e sua presença em português*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- AL BERTO, *O Medo. Trabalho poético 1974-1997*, 5.^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2017.
- BAPTISTA, José Agostinho, *Biografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- BEAUJOUR, Michel, *Miroirs d'encre : rhétorique de l'autoportrait*, Paris, Seuil, 1980.

64. *Ibid.*, p. 39.

65. Lembrem-se os versos “nesta vida nada se passou / sempre tudo esteve escrito desde sempre / à imagem das futuras letras na pedra tumular da minha campa // mais rápido nos perdemos / do que arde um fósforo”. *Ibid.*, p. 9.

66. *Ibid.*, p. 13.

67. *Ibid.*, p. 1.

- BELO, Ruy, *Todos os Poemas*, 4.^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014.
- BOCAGE, *Poesias, Dedicadas à Ill.ma e Ex.ma Senhora Condessa de Oyenhausem*, Tomo III, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
- CALABRESE, Omar, *L'arte dell'autoritratto. Storia e teoria di un genere pittorico*, Florença, La Casa Usher, 2010.
- CESARINY, Mário, *Pena Capital*, 3.^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.
- CORREIA, Natália, *Poesia Completa*, 2.^a edição, Lisboa, Dom Quixote, 2000.
- DERRIDA, Jacques, *Signéponge/Signsponge*, edição bilingue (francês e inglês), tradução de Richard Rand, Nova Iorque, Columbia University Press, 1984.
- , *Parages*, Paris, Galilée, 1986.
- FERREIRA, Teresa Jorge, *Autorretratos na Poesia Portuguesa do Século XX* [tese de doutoramento], Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2019.
- GENETTE, Gérard, *Seuils*, Paris, Seuil, 1987.
- HATHERLY, Ana, *A Idade da Escrita*, Lisboa, Tema, 1998.
- KNOPFLI, Rui, *Obra Poética*, Lisboa, INCM, 2003.
- LOPES, Adília, *Dobra*, 2.^a edição, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014.
- MEXIA, Pedro, *Poemas Escolhidos*, Lisboa, Tinta-da-china, 2018.
- MIRANDA, Paulo José, *A Arma do Rosto*, Lisboa, Cotovia, 1998.
- , *Exercícios de Humano*, 2.^a edição, Lisboa, Abysmo, 2015.
- , *Auto-retratos*, Lisboa, Abysmo, 2016.
- MOURA, Vasco Graça, *Poesia Reunida*, volume 2, Lisboa, Quetzal, 2012.
- MOURÃO-FERREIRA, David, *Jogo de Espelhos: Reflexos para um auto-retrato*, Lisboa, Presença, 1993.
- NEGREIROS, José de Almada, *A Invenção do Dia Claro*, edição fac-similada, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.
- OLIVEIRA, Carlos de, *Trabalho Poético*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.
- O'NEILL, Alexandre, *Poemas com Endereço*, Lisboa, Moraes, 1962.
- , *Poesias Completas & Dispersos*, edição de Maria Antónia Oliveira, Lisboa, Assírio & Alvim, 2017.
- PEDRO, António, *Casa de Campo. Poema*, Lisboa, edição do autor, 1938.
- PESSOA, Fernando, *Poesia. 1931-1935 e não datada*, edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006.
- RIBEIRO, Eunice, “O autorretrato em literatura: Ilustração e ruína”, *Limite*, n.º 9, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2015, p. 321-335. 31 de outubro de 2020. www.revistalimite.es.
- TORGA, Miguel, *Poesia Completa*, Lisboa, Dom Quixote, 2000.